FACULDADE Eficaz
REVISTA ELETRÔNICA
ISSN 2178-0552

O ALFABETO VISUAL E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM ARTE E OS PERIGOS DA POLIVALÊNCIA, REGRAS QUE PODEM SE TRANSFORMAR EM CORRENTES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE ARTE

LIMA, Wellington Braz

Resumo: Reflexões sobre o ensino da arte e a valorização dos conteúdos com ênfase na importância da leitura de imagens considerando a necessidade de levar o aluno a compreender as diferenças entre o ver e o olhar, citando duas autoras que falam sobre esse processo, ou seja, as diferenças entre o ver e o olhar, Maria F. de Rezende e Fusari e Maria Heloísa de T. Ferraz. Destacando a proposta triangular e sua importância nesse processo de alfabetização visual tendo como base para a pesquisa uma das autoras mais importante no que diz respeito à leitura de imagens e o ensino da gramática visual e pioneira na proposta triangular, Ana Mae Barbosa. Refletindo também sobre a distinção entre releitura e cópia, pois releitura significa ler novamente o presente artigo traz considerações sobre as releituras tendo como base para pesquisa a autora Analice Dutra Pillar, que traz considerações importantes sobre isso trazendo preciosos esclarecimentos sobre as releituras. O presente artigo também faz algumas pontuações sobre a polivalência que mais uma vez tem sido exigida dos professores de arte e apontando outros desafios que todos os professores têm enfrentado no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Polivalência. Leitura de imagens. Ensino de artes. Releitura.

Abstract: *Reflections on the teaching of art and the value of content with an emphasis on the importance of reading images considering the need to take the student to understand the difference between seeing and looking, citing two authors who speak about this process, ie differences between seeing and looking, Maria F. de Rezende e Fusari and Maria Heloisa T. Ferraz. Highlighting the triangular proposal and its importance in this process of visual literacy based on the search for one of the most important authors in regard to image reading and the teaching of visual grammar and pioneer in the triangular proposal, Ana Mae Barbosa. Reflecting also on the distinction between re-reading and copy because rereading means again read this article brings considerations on the reinterpretation based on the search for Analice Dutra Pillar author, who brings important considerations that bringing precious clarification on the readings. This article also makes some scores on the versatility that once again has been required of art teachers and pointing other challenges that all teachers have faced in everyday school life.*

Keywords: *Versatility. Reading images. Arts Education. Rereading.*

1. INTRODUÇÃO

O nosso cotidiano está cercado de imagens de diversos tipos, finalidades e origens, acompanhadas ou não de textos escritos ou de outras linguagens tais como: fotografias, vídeo, gravuras, história em quadrinhos, logomarcas, avisos, placas, games, anúncios publicitários, são inúmeras as variedades estando cada vez mais acessível. Em todo este contexto se faz necessário compreender a imagem como uma linguagem. Sendo assim se tem a necessidade de se formar leitores capazes de construir relações entre o texto escrito e as imagens.

A estrutura do presente artigo se dá por meio de pesquisa bibliográfica trazendo algumas considerações e tendo como referência autores especializados, o principal foco do texto é sobre a leitura de imagens e a importância de se alfabetizar o aluno também na gramática visual. Outro fato importante é a respeito das releituras, pois é um equívoco pensar que uma releitura é uma cópia essa afirmação não é verdadeira. Outro ponto a ser questionado é a questão da polivalência que continua assombrando os professores de arte.

2. LEITURA DE IMAGENS

A escrita e a leitura são princípios básicos da educação, cabe ao trabalho escolar por meio dos conteúdos do currículo essa função. No caso da arte, mais especificamente as Artes Visuais, tem uma contribuição importante para oferecer que é a introdução da leitura das imagens. Como educador em arte, não se pode mais admitir que os conteúdos em arte sejam vistos como mecanismos de recreação, decoração de festas ou pinturas de desenhos que representam alguma data comemorativa.

Assim como na escrita que existe o alfabeto, também existe o alfabeto visual. O desenho é uma forma de linguagem e provavelmente a mais antiga, pois, antes mesmo do homem se comunicar por meio da escrita o fez em um primeiro momento desenhando. Pode-se observar isso na arte rupestre, no mundo acadêmico uma das teorias mais aceita é aquela que antes do homem sair para sua caçada ele desenhava com o objetivo de garantir sucesso, ou seja, esse desenho tinha um caráter mágico ou cerimonial. Ainda hoje quando não conseguimos nos comunicar verbalmente, tentamos fazê-lo por meio do desenho. Um mapa por exemplo. A leitura de imagens na escola se faz necessário, pois, leva o aluno a reconhecer e compreender o domínio dos códigos visuais e isso só se dá por meio da alfabetização visual.

Mas, para que isso aconteça e concordando com Smith, R. (1986, p. 98) “é importante que a arte mereça estudo particular um assunto que tem finalidades, conceitos e habilidades específicas”. A proposta triangular da Professora Ana Mae Barbosa que teve início na década de 1980, é a principal referência no ensino de arte no Brasil. Essa proposta visa vários pontos do ensino aprendizagem entre os principais estão: a leitura de imagens, contextualização e a prática artística. Segundo Barbosa, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura. Revista Textos do Brasil [S.l.: s.n.,19--].

> Em nossa vida cotidiana estamos rodeados de imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler imagens inconscientemente nós aprendemos por meio delas. A educação deveria prestar atenção no discurso visual, ensinar a gramática visual por meio da arte é tornar as crianças conscientes da produção humana de qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e analisar todo o tipo de imagem. Conscientizando-as de que estão aprendendo com as imagens.

FACULDADE Eficaz
REVISTA ELETRÔNICA
ISSN 2178-0552

De acordo com a autora é fundamental saber ler imagens na contemporaneidade porque somos bombardeados por imagens o tempo todo, basta sair de casa ou ligar a televisão ou o computador. Não só as crianças, mas, a sociedade como um todo desconhece o poder das imagens. No antigo Egito as imagens eram utilizadas para reafirmar a 'divindade' dos faraós.

Na Idade da Fé[1] as imagens tinham uma função pedagógica catequizavam o povo que não sabia ler e as grandes catedrais que simbolizavam o poder da igreja. Com a industrialização e a modernidade o sistema capitalista baseado no consumo e para vender seus produtos à publicidade se relaciona com o surgimento da televisão. Saber ler as imagens se tornou indispensável para a reflexão crítica da sociedade. O professor como mediador da aprendizagem precisa incitar a criança, ou o adolescente a desenvolver a capacidade estética, explorando o universo das imagens.

> Deste modo, é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como à gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens. (BARBOSA, 2008, p. 81).

O professor deve se preocupar também em estabelecer a diferença entre o ver e o observar levando os alunos a perceber tais considerações. Segundo Fusari e Ferraz (2010), ver significa apenas conhecer, ou seja, perceber pela visão. Observar é olhar, pesquisar e detalhar, é estar atento. Rossi, Maria Helena Wagner (2003) em sua pesquisa sobre leitura da arte na escola, chama a atenção à observação de um aluno de 14 anos.

Considerando que a autora está analisando o critério da expressividade, mas é conveniente citar por outro aspecto. Foi apresentado a um grupo de alunos cinco imagens de obras de artistas distintos, e os alunos falavam sobre qual é a melhor obra de acordo com a concepção de cada um. O aluno de 14 anos citado anteriormente disse que a pior era "os quadradinhos de Mondrian, porque se parece com uma toalha de mesa".

Essa fala nos leva a refletir como um aluno nesta idade que já está inserido no cotidiano escolar a um bom tempo e ainda não conhece o contexto do trabalho de Mondrian[2] e não sabe o que é uma abstração formal[3]. O que esse aluno estudou nas aulas de arte? Será que ele nunca ouviu sobre o contexto do trabalho de Mondrian e quando e o porquê ele começou a abstração em seus trabalhos. O que será que estava sendo ensinado nas aulas de arte?

[1] Idade Média é um termo criado para depreciar o período citado. No livro História Geral da Arte O Mundo Antigo e a Idade Média do autor: H. W. Janson ele utiliza o termo Idade da Fé – termo mais correto para falar do período.
[2] Piet Mondrian foi um pintor holandês que levou a arte abstrata às últimas consequências por meio de uma simplificação, tanto na composição como no colorido.
[3] Abstracionismo Geométrico ou Formal, as formas e as cores devem ser organizadas de tal maneira que a composição resultante seja apenas a expressão de uma concepção geométrica. Neoplasticismo, seu criador e principal teórico foi Piet Mondrian.

Para se formar no aluno uma identidade artística4 ele precisa de referências de conhecimento sobre o universo artístico, porque arte também é conhecimento. Tal discurso que por vezes se ouve é aquele vamos desenvolver o processo criador da criança, ou vamos apenas trabalhar com tendências contemporâneas.

É um discurso no mínimo curioso e se pode qualificar tal professor como preguiçoso. Para se desenvolver o processo de criação, antes é preciso conhecer arte, artistas e o contexto das obras, pois, a arte não é neutra. Para se compreender alguns estilos contemporâneos é preciso conhecer o que foi feito antes é necessário desenvolver e despertar o senso crítico. Portanto o principal objetivo é formar no aluno uma identidade visual, sendo capaz de ler imagens com uma percepção aguçada e que reconheça a arte também como conhecimento. Segundo Martins, Mirian Celeste (1998, p. 131).

> Nessa perspectiva, uma aprendizagem em arte só é significativa quando o objeto do conhecimento é a própria arte, levando o aprendiz a saber manejar e conhecer a gramática específica de cada linguagem que adquire corporalidade por diferentes recursos, técnicas e instrumentos que lhe são peculiares.

A prática da leitura de imagens no cotidiano escolar nos leva a ver, ler, interpretar, experimentar e contextualizar imagens. A alfabetização em um sentido amplo é compreender e ler um texto, uma imagem, uma música, uma representação no teatro ou um movimento corporal na dança. Observar e entender as diversas formas de representação artística que fazem uso da arte visual para se comunicar, desenvolvendo assim um pensamento crítico e reflexivo. Em se tratando do desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, e porque isso é importante. Cabe aqui uma citação de um trecho de uma entrevista concedida por Ana Mae Barbosa (informação verbal) ao programa Roda Viva.

> Ana Mae Barbosa5: Então veja bem. [Com] a internet, pelo menos, você tem o acesso à imagem; você vai poder ver a imagem, fazer uma leitura dessa imagem, imprimir essa imagem, se você quiser. Agora, o segundo leitor falou algo muito importante. É preciso tampar a internet, como para viver no mundo é preciso o desenvolvimento da capacidade crítica. E essa leitura de obra de arte que eu estou falando é o afinamento dessa capacidade crítica, que vai, então, tentar discutir e chegar a conclusões sobre que grafite é obra de arte e que grafite não é obra de arte. O que está na Bienal que é bom, o que está na Bienal que é dispensável, que não tem significação nenhuma, que é apenas uma manifestação de um artista em um espaço de arte. É para isso que a gente fala tanto em leitura de obra de arte é para desenvolver a capacidade crítica.

Textos não são apenas aqueles formados por palavras temos os comerciais em geral, os grafites nas ruas as ilustrações em livros, as obras de arte, que são formados por sinais que precisam ser decodificados, lidos e compreendidos por isso a importância de se desenvolver no aluno o

[4] Ter uma identidade artística é ter conhecimento sobre os elementos fundamentais da arte cor, textura, linhas, composição e também conhecer a história da arte. Na prática artística o trabalho desenvolvido pode se identificar com o trabalho de algum artista ou com elementos de qualquer outro estilo artístico. Até mesmo quando se cria algo novo é necessário se ter o conhecimento para a criação e pesquisa.

[5] Programa Roda Viva – Entrevista concedida por Ana Mae Barbosa em 12/10/1998. Disponível em: rodaviva.fapespe.br.

senso crítico sempre fundamentado. Podemos considerar a utilização em sala de aula das imagens publicitárias, clip musical, e as novas tecnologias.

Porque as imagens da mídia são as mais presentes no cotidiano do aluno, sendo assim é relevante fazer o aluno conhecer e reconhecer e saber decodificar as intenções das imagens contemporâneas. No contexto tecnológico há diversas possibilidades, os dispositivos interativos, a rede de comunicação, as imagens produzidas no computador, os avanços da robótica, a magia do cinema, a televisão. Nas mídias em geral os elementos da arte são utilizados nas imagens que nos chegam por estes meios. Cabe ao professor utilizar também os novos meios como mais um instrumento em sala de aula contribuindo assim para uma aprendizagem ainda mais significativa. Almeida (1999, p. 81-82), considera o seguinte, sobre a imagem eletrônica no ensino da arte.

> A visualidade deste final de século está comprometida com as tecnologias de produção de imagem. Apesar de a arte dialogar e incorporar o conhecimento científico, as imagens consumidas pelo homem contemporâneo não são só aquelas produzidas pela arte. Hoje vivemos imersos num mar de imagens, onde umas anulam as outras, quando não se reforçam com citações ou referências, numa interpolação frenética de imagens. A classificação entre imagens da arte e outras imagens às vezes não faz muito sentido. Uma propaganda da televisão, uma imagem publicitária gráfica ou um clip musical da MTV, muitas vezes trazem um discurso poético/conceitual que renderia comentários profundos acerca dos conteúdos da arte.

Considerando que é um texto um pouco antigo pela sua data de publicação, mas, continua atual em se tratando das novas tecnologias e o poder das imagens. Trabalhar a leitura das imagens visuais em sala de aula é importante porque deve despertar no aluno a reflexão sobre diferentes questões, não apenas as da arte, e em um sentido mais amplo as relações com outras áreas do conhecimento. Compreendendo e refletindo de forma crítica como ser pensante e integrante da sociedade. Trazer essa abordagem de leituras de imagens para o cotidiano escolar possibilita condições para que o aluno possa ampliar seus conhecimentos se expressando com autonomia, a leitura de imagens é um recurso pedagógico que colabora com o conhecimento da arte.

O educador em arte deve ter como uma de suas qualidades, ser um pesquisador, pois cabe a ele conduzir a partir da mediação a leitura e interpretação, possibilitando momentos de reflexão, produção e contextualização. A escola é a instituição onde os alunos devem ter contato com a arte dos museus, as obras de artistas famosos, do artista local e também as imagens do cotidiano e levar em consideração também o que o aluno já conhece.

> Uma alfabetização para a leitura de imagem através da educação formal tornaria consciente toda a aprendizagem, alimentando a capacidade de reflexão do estudante. [...] a imagem nos domina porque não conhecemos a gramática visual nem exercitamos o pensamento visual para descobrir sistemas de significação através das imagens (BARBOSA, 1998, P. 138).

Despertar no aluno a habilidade de ler imagens é muito importante, pois, ver uma imagem não se resume apenas a um mero olhar por alguns segundos, para se ver de verdade se faz

necessário um tempo de reflexão. Cada nova leitura é importante porque sugere uma nova interpretação isso porque somos diferentes uns dos outros. Toda obra de arte tem em si suas próprias qualidades e para se fazer uma boa leitura é preciso considerar todos os aspectos da leitura formal e também observar o tema da obra em questão dar espaço a uma interpretação pessoal e depois partir para uma leitura contextualizada.

3. RELEITURA E CÓPIA

Em seu artigo Lazzarin, Luis Fernando considera o seguinte:

> [...] As práticas, conhecidas em AV[6] com releituras, frequentemente correm o risco de reduzirem-se a exercícios de cópias de imagens. Em ambas as áreas pode-se constatar como a experiência com arte tornou-se centrada na reprodução de um repertório consagrado.

Assim como existe a possibilidade de diversas interpretações de uma obra de arte, também existem várias possibilidades de releituras dessa obra. Considerando o artigo do autor já citado como um todo ele sugere pontuações pertinentes em outros aspectos. Mas, no que diz respeito às releituras não se está de acordo com suas considerações.

A releitura não é apenas um exercício de cópia de uma obra de arte e no que se refere ao que o autor diz sobre um repertório consagrado[7] é necessário se ter esse conhecimento, nas artes visuais é importante conhecer o que foi realizado em outros momentos históricos e no ensino da música é necessário o conhecimento sobre o que é uma partitura musical.

Aqui se coloca outra questão o porquê não se pode partir do convencional. Certamente podemos sempre abrindo novas possibilidades para se experimentar novidades, mas, para isso deve-se ter uma base, ou seja, um referencial. Sobre as releituras, Pillar, Analice Dutra (2003, p. 18), considera o seguinte:

> Há uma grande distância entre releitura e cópia. A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução de uma imagem. Muitas críticas são feitas à Proposta Triangular por considerarem que o fazer nessa proposta é releitura, entendendo releitura como cópia. Até onde conheço os pressupostos da Proposta, posso afirmar que ela é uma concepção contemporânea do ensino de arte que pode abarcar ou não a releitura como criação.

A releitura é apenas mais um instrumento que pode ser utilizado e contribui para a fixação do conhecimento sobre um determinado artista ao se transformar uma de suas obras em objeto de estudo, o mais importante em uma releitura é criar algo que mantém um elo com a obra

[6] Em seu artigo o autor trata de assuntos sobre as artes visuais e a educação musical, no decorrer do texto ele usa abreviações, portanto AV significa Artes Visuais.
[7] Quando se diz sobre um repertório consagrado, se refere à arte dos grandes mestres da história da arte.

original que serviu de inspiração. Uma boa proposta de releitura se baseia em um conhecimento prévio do artista e da obra assim como sobre a época que ele viveu, sua biografia, o tema, quais eram os artistas que ele admirava que técnica foi utilizada. Sendo assim, a releitura tem um enorme valor educativo.

4. A QUESTÃO DA POLIVALÊNCIA NO ENSINO DAS ARTES

Os alunos deveriam ter acesso a outras áreas artísticas no ambiente escolar, as universidades realizaram mudanças curriculares nos antigos cursos de Educação Artística. Sendo assim, existem licenciaturas em música, em artes visuais, dança e teatro. Mas, se faz necessário esclarecer uma questão não há nenhum curso que forme um professor polivalente o que existe são cursos específicos em cada área do conhecimento em artes. Pode-se comparar essa situação com os professores de língua estrangeira, pois, existem professores formados em inglês, francês e espanhol etc. Naturalmente atuam ensinando a língua de sua formação. O mesmo deveria acontecer com os professores de arte cada professor deveria ensinar dentro de sua área de formação, simples assim. Em seu artigo Nunes, Ana Luiza Ruschel considera o seguinte:

> Mesmo que em alguns pontos o ensino de arte tenha avançado, ainda é muito forte a polivalência na Educação Básica, e, é possível afirmar, através de dados de pesquisa, que o Ensino de Arte em sua nomenclatura na Lei de Diretrizes Nacional atual, avançou porque denomina conceitualmente como disciplina e não como atividade, entretanto a sua nomenclatura e concepção parece que não ultrapassou o espírito da Polivalência, sendo que na prática, sistematiza, não a interdisciplinariedade, mas a polivalência do professor que ainda na maioria das escolas está atuando com um ensino polivalente, em que o professor é levado a assumir o ensino das Artes Visuais, da Música, do Teatro e da Dança e num período de cinquenta minutos por semana, ou no máximo duas aulas de cinquenta minutos e agora assumindo as quatro linguagens da arte, na escola.

As escolas podem pensar em um modo de gerenciar isso, em sintonia com a gestão democrática é possível pensar em soluções o que não se pode aceitar é que a polivalência no ensino de artes continue, o professor que se vê obrigado a atuar em uma das linguagens que não é aquela de sua formação isso pode resultar em um ensino superficial, pois, não se amplia o conhecimento em nenhuma das linguagens artísticas.

Também não se respeita o perfil de cada profissional se o professor escolheu se especializar em música, por exemplo, é porque ele tem essa aptidão é muito fácil chegar à conclusão que quando se respeita o perfil do profissional os alunos ganham em qualidade porque estão estudando música com alguém que conhece música, ou estão aprendendo sobre a leitura de imagens e seus aspectos formais com um professor de artes visuais, e que estão conhecendo

os domínios da interpretação cênica com um professor de teatro e que esse aluno possa experimentar diferentes coreografias com o professor de dança.

É utópico acreditar que a passos rápidos se vão oferecer na escola todos os eixos da arte com um professor específico, como professores das artes não podemos aceitar que tal situação permaneça para sempre. Deve se ter uma nova postura, um conhecimento amplo sempre é enriquecedor, mas, tal afirmação é válida para todas as áreas do conhecimento. Não se pode ter uma postura passiva diante disso porque para muitos gestores a arte é um meio de recreação ou apenas para organizar eventos folclóricos ou apresentações de fim de ano para a apreciação dos pais ou para trabalhar os conteúdos politicamente corretos esquecidos até então como a [8]arte indígena e africana.

Nunca se pode admitir que a disciplina arte seja tratada com depreciação porque arte também é conhecimento e isso é dever do professor de arte que deve mostrar isso na sua prática pedagógica. Faz-se necessário uma mudança de postura e também o conhecimento das leis e do importante papel das artes na educação do individuo.

O professor pode sempre partir da sua área de formação e deve aparecer em sua prática os outros eixos, mas de acordo com o que ele conhece não se pode cobrar de um mesmo profissional um conhecimento em excelência de todos os quatro eixos artísticos e que esse professor consiga em apenas duas aulas semanais dar conta de todo esse conhecimento isso é fantasioso e atrapalha o desenvolvimento do trabalho dentro de sua formação, enquanto não há mudanças significativas é necessário se encontrar um equilíbrio pois ainda não existe uma pós graduação em como se ter poderes de super herói.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, (2008, página 54), considera o seguinte:

> Para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive é necessário, ainda, que o professor trabalhe a partir de sua área de formação (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), de suas pesquisas e experiências artísticas, estabelecendo relações com os conteúdos e saberes das outras áreas da disciplina de Arte, nas quais tiver algum domínio.

Um dos caminhos para se ter nas escolas professores especialistas em todos os eixos, são as escolas em tempo integral que como constantemente ocorre no Brasil a ideia é boa mais na prática tem um caráter assistencialista não seria necessário todas as escolas em regime integral e o ensino de nove anos é apenas uma maquiagem nova, a criança está entrando na escola para se iniciar o processo de alfabetização muito mais cedo do que deveria e o sistema está falho não se tem um compromisso com a educação como deveria ser e também não se cobra do aluno o dever do aprendizado se tornou fácil e banal se não faltar além do limite você pode

[8] Não se quer dizer de maneira nenhuma que esses conteúdos não são importantes o que se critica é aquela fala vamos deixar para trabalhar africanidades com o professor de arte o professor de português tem conteúdos mais importantes.

passar de ano e também tem a alternativa de se passar por meio de conselho de classe a função de tudo isso é para maquiar índices quem trabalha na educação pública vivencia esse fato, mas, não cabe aqui essa discussão.

Um modelo bom de educação integral seria aquele em que a criança no período da manhã estudasse o conhecimento científico e no período da tarde nada de teoria apenas oficinas contemplando todos os eixos artísticos, e também se ofereceria uma língua estrangeira e a educação física. É utópico acreditar nesse modelo porque isso envolve recursos e vontade política e o compromisso com a educação não existe o que envolve as decisões na esfera educacional dentre outras é a questão da assistência e as famílias também tem culpa nesse processo porque o que importa é ter onde deixar os filhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de tudo que foi exposto cabe ao professor encontrar um equilíbrio enquanto não acontecem mudanças na educação como um todo, sempre conquistando seu espaço e não permitir que a arte seja alvo de nenhum tipo de depreciação. Mas, é fato que o papel dos professores e não somente os de arte, considerando agora todos nossos colegas de outras áreas do conhecimento, humanas e exatas. A função do professor está mudando e temos enfrentado grandes desafios em sala de aula temos que concorrer com as tecnologias que hora são aliadas e também por vezes nossas inimigas o aluno passa muito tempo falando ao celular ou interagindo com programas de troca de mensagens passam muito tempo na internet e também com jogos de vídeo game e o conhecimento vai ficando de lado não se tem o apoio das famílias como se tinha antes, isso sem contar os casos de abandono e de algum tipo de violência que a criança sofreu e a total falta de compromisso de muitos pais em educar seus filhos não impõem limites e quando a criança chega à escola encontra o primeiro adulto que tenta impor regras e isso tem gerado conflitos. Em entrevista concedida ao G1, Marcos Meier[9] (informação verbal), considera o seguinte:

> As crianças, que deveriam estar aprendendo a ter educação com os pais, acabam chegando na escola totalmente indisciplinadas, batendo e xingando em vez de conversarem. O professor, que antigamente tinha tempo para ensinar o currículo, hoje tem que gastar 20 minutos corrigindo a indisciplina do aluno, fazendo-o sentar-se, pegar o caderno... Um monte de coisas da área da educação básica das famílias não está pronto, e o professor precisa dar conta disso. De uma aula de 40 ou 50 minutos que poderia estar sendo muito bem aproveitada com conteúdo, 20 minutos com certeza estão sendo jogados no lixo. Isso vai irritando tanto o professor, que depois não tem paciência na hora de explicar o assunto. Ele está sendo exigido além da conta, o professor foi preparado para ensinar currículos escolares, não para dar a educação que a família antigamente ensinava.

[9] Entrevista concedida em 16/05/2012, à Ana Carolina Moreno do G1, em São Paulo. Disponível em g1.globo.com

Sabe-se que tudo isso que o autor pontua em sua fala durante a entrevista é um fato que todos os professores enfrentam em sala de aula. Mas, devemos seguir otimistas e confiantes contribuindo para proporcionar uma educação melhor porque sempre tem alguém em sala de aula que se consegue atingir é gratificante ter alunos que ainda respondem as expectativas, é fato que tem sido uma minoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Pillar, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar**. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2003. p.18.

ALMEIDA, Cláudia Zamboni de. **As relações arte/tecnologia no ensino da arte**. In: Pillar, Analice Dutra (Org.). A Educação do Olhar. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2003. p.73-83.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos e Utópicos**. Belo Horizonte: Com/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Cortez, 4 ed., 2008.

BARBOSA, Ana Mae**. A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, Educação e Cultura**. Revista Textos do Brasil 7ª edição [S.l.: s.n.,19--]. Disponível em <dc.itamaraty.gov.br>. Acesso em 05 de junho de 2016.

Ferraz, Maria Helóisa Corrêa de Toledo; Fusari, Maria Felisminda de Rezende e. Para conhecer as Artes Visuais. In:_____. **Arte na Educação Escolar**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2010. p. 76.

Lazzarin, Luís Fernando**. Problematizações sobre o ensino de artes visuais e a educação musical.** Disponível em www.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/problema_ensino.pdf. Acesso em 05 de junho de 2016.

MARTINS, Mirian Celeste. et al. **Didática do Ensino de Arte**: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer arte. São Paulo, FTD, 1998.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. **O ensino de arte na educação básica**. Disponível em <aaesc.udec.br/confaeb/anais/ana_luiza_rachel.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2016.

Rossi, Maria Helena Wagner. O julgamento na leitura estética. In:_____. **Imagens que falam.** Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 93.

SMITH, Ralph. Excelência no ensino de arte. In: Barbosa, Ana Mae (Org**.). Arte – Educação: Leitura no Subsolo**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1999. p.97-110.